

INFORMATIVO

SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL
Rua Capitão Chaves, 60
26.000 - NOVA IGUAÇU, RJ.
Tel. (021) 767.0472

Ano 4 nº especial

Dezembro 1980

1880
1040
PADRE
1980

Uma visita a Scheven, terra natal do P. João

Dom Adriano

Nos anos passados fui duas vezes a Scheven, no Eifel / terra natal do P. João M^usch. É uma aldeiazinha modesta, limpa, de poucas ruas, habitada por agricultores. Conserva ainda hoje muito do que foi há um século, sobretudo no que diz respeito às estruturas básicas da sociedade: igreja, cemitério, escola, casas, dos camponeses, ruas.

Também a casa do P. João está de pé, uma daquelas casas de treliças que caracterizam a paisagem alemã, em várias regiões. Junto à casa o galpão da agricultura, onde se guardam as ferramentas e onde se armazenam os frutos da terra.

Fui duas vezes e não encontrei nenhum parente do Pe. João. Eram domingos e tinham saído para visitar parentes. Este ano, no dia 4 de setembro, planejei melhor a visita, com auxílio de amigos que ficaram de sentinela durante alguns dias até obterem comunicação com Scheven.

E nos encontramos.

Na casa do P. João moram a sobrinha Kathrinchen, com o marido Paul e os filhos Michael (23), Walter (19) e Maria (11). Casando-se Kathrinchen/ perdeu o nome de solteria: não é MÜsch, é Schröder como o marido.

Aliás desapareceu o nome de MÜsch, na família, ou porque os membros ho mens da família morreram sem filhos ou porque, por casamento, as mulheres assumiram o nome do marido.

Chegamos a Scheven pelas 10 horas da manhã. Encontramos a família reunida e alegre pela visita do Brasil e sobretudo pelas / recordações do tio-padre que num longínquo ano de 1912 veio para o Brasil, sempre escrevia para os parentes, mas nunca mais vol tou à terra querida, o Tio padre que neste ano de 1980 comemoraria cem anos de vida, se vivo fosse.

Recordamos, visitamos a escola primária onde o P. João estudou, visitamos a igreja matriz, o cemitério da aldeia e ainda/ algumas pessoas antigas, aparen tados e amigos da família, que por relações pessoais ou por ouvir dizer, ainda se lembravam dos dois corajosos filhos da terra - João MÜsch e Wilhelm/ Stamsen, então sacristão da igreja - que para realizarem o sonho do sacerdócio, deixaram / Scheven, deixaram a Alemanha e vieram para o Brasil, precisamente para o Rio Grande do Sul, onde estudaram e foram ordenados padres.

Almoçamos. Kathrinchen sente-se feliz em ter hóspedes do Brasil - são o franciscano Fr. Leônidas e eu - e da Alemanha - é Maria Luise Vickerman que nos levou / até Scheven - e sente-se feliz em saber que a diocese de Nova Iguaçu está celebrando o centenário do tio João.

Paul confessa que se sente honrado com a visita de um bispo, a primeira vez na vida. Michael e Walter dizem que têm o maior desejo de visitar o Brasil, Nova Iguaçu, para conhecer o lugar em que o tio-avô João trabalhou. Maria, a caçula (que nasceu já depois de morto o P. João), fica silenciosa, escutan

do. Conosco almoça também Helene Schuhmacher, uma dessas almas/ dedicadas que em todas as paróquias se doam ao serviço da comunidade, sempre disposta, sempre alegre, às vezes um tanto / dominadora mas capaz de todos os sacrifícios, e nos conta que durante anos se correspondia/ com o P. João, mandando notícias de Scheven e do Eifel e recebendo do P. João notícias/ de Nova Iguaçu, uma correspondência que alimentava os dois grandes amores do P. João - a terra natal que nunca esquecia apesar de nunca mais tê-la revisto, e a terra de eleição e de vida que tanto deve ao seu zelo de apóstolo.

A conversa leva para os problemas de Nova Iguaçu e para a decisão da família Schrödere de Helene: "Nós queremos continuar o serviço do P. João. O Senhor venha nos visitar. Venha um dia celebrar aqui a S. Missa e pregar. O povo de Scheven precisa continuar o trabalho do P. João"

Pelas três horas despedimo-nos. Ainda tenho de chegar a Bonn, para dizer adeus aos amigos. Às 7 h. da noite tomo o avião que me leva até Francforte. Daí às 10 h. a volta para o Brasil e para Nova Iguaçu, também minha terra de eleição.

RECORDANDO -----

----- O PADRINHO "JOÃO" -----

Falar de Padre João, é falar do verdadeiro apóstolo da Baixada Fluminense numa época em que pregar o Evangelho era missão de sacrifício e renúncia, e porque não dizer um desafio, pois não havia quasi padres para exercer tão nobre mister.

Assim que Padre João veio para Nova Iguaçu, minha santa Mãe passou a lhe dar comida, e assim foi toda a sua permanencia nesta cidade. Com o passar dos anos, já com idade mais avançada, Mãe passou a lhe levar mingau, todas as manhãs, quando ia para a missa (que sempre foi o seu café de manhã). Sempre ajudou no que pode. Quando P. João veio para Nova Iguaçu, a Igreja era bem pequena e aos poucos aumentando.

Meu falecido pai, desde a chegada de P. João a Nova Iguaçu, sempre o ajudou e o acompanhou, junto com meu tio Vitorino. Papai tinha um caminhãozinho e transportava o material para as obras da Igreja. Padre João, ajudava a carregar e descarregar o carro. Muitas vezes, pegava o carrinho de mão e carregava ora tijolos, ora pedras e todo o material, para os trabalhos andarem mais depressa. A Igreja / cresceu a ponto de tornar-se esta Catedral, sempre contou com a ajuda dos amigos e de seus paroquianos, que muito os amou.

Pedia muito, chegou a ser chamado de Padre Pidão, mas tudo que pedia era somente para ajudar os pobres e para as obras da Igreja. Sua paróquia compreendia os municípios de Nova Iguaçu, Nilópolis, Paracambi, passando pela Rio São Paulo, Marapicú, Cabuçu e muitos outros lugares.

Em determinada ocasião, pediu a uma certa pessoa, que desse alguma coisa para a igreja, tendo essa mesma pessoa lhe respondido, que não podia, pois tinha que dar conforto a sua família, e oíhe, bem que podia ter dado uma colaboração, não lhe faria falta (sabe-se que essa pessoa morreu na miséria)

Teve o caso também de duas famílias que prometeram ladrilhar a igreja, mas na hora de cumprir a promessa / uma dessas famílias jogava para cima da outra, tão grave dever e acabaram não cumprindo o prometido. O chefe de uma dessas famílias, procurado pelo P. João, o escavagou não querendo / conversa, a sua mulher muito piedosa, o esperava na sala e pediu-lhe desculpas, dizendo que seu marido estava muito nervoso, tendo o P. João respondido "se estivesse a morrer de fome e se lhe fosse oferecido um pedaço de pão, ele P. João morria, mas não o aceitava". O fim desta família foi triste. Mas / com as esmolas dos paroquianos e ajuda dos amigos, a Igreja foi ladrilhada.

Quanto a vida espiritual de P. João, este acordava muito cedo, pois às cinco e meia da manhã, já estava batendo o sino, chamando o povo para a missa. Rezava a oração do Angelus e dava seus costumeiros avisos sempre com um alô, que se tornou muito conhecido. Ele era o despertador dos trabalhadores que pegavam o trem de madrugada os quais ainda aprendiam a rezar com ele, às 6 horas celebrava a primeira missa, e às 7.30 horas já estava no confessional. Vinha gente de todo lado se confessar com o bom P. João que tudo fazia para salvar almas. às 8.30 da noite invariavelmente / pegava o microfone com os auto falantes virados para fora, para dar os avisos e fazer suas despedidas do dia, rezava abençoando o povo, e sempre cantava: "Quero agora despedir-me - Boa Noite Meu Jesus "

Durante a semana andava pelas capelas espalhadas pelos lugares mais distantes, no meio do mato, dando sempre assistência aos seus discípulos. Quantos batizados, quantos casamentos, quantas conversões fez nas suas andanças, sempre chamando o povo para a Igreja.

Certa vez ao visitar uma de suas capelas, no caminho onde eram somente sítios, com plantações de laranjeiras e bananeiras e muito capinzal, ouviu um choro como se fosse de uma criança, parou e observou que o choro vinha de dentro do mato. Pulou a cerca existente, e ao chegar perto de uma bananeira se deparou com uma criancinha no meio das folhas de bananeira, imediatamente amparou-a em seus braços e a entregou a uma senhora que era zeladora e muito conhecida, e pediu-lhe para criar a criança. Hoje essa criança é um exemplar chefe de família morando em Nelópolis, e acredito que esteja também, participando das homenagens ao P. João.

Sempre que chamado para sacramentar alguém, nunca se recusou e também não lhe importava se havia ou não condução a seu dispor, estando isto sim sempre pronto. Quando de suas visitas as capelas e a moribundos, quantos vezes foi a pé até Marapicú e outras localidades ou até carroça, e o viam a pé, paravam para lhe dar carona, algumas outros recusavam conduzi-lo e o deixaram a pé.

Quando ia para Paracambi, esperava o trem na cancela em frente a igreja, hoje Catedral, e o maquinista da "Maria Fumaca" como era conhecida, ali mesmo parava a máquina para o bom P. João subir; na volta a mesma consideração, parava o trem para o Santo Monsenhor descer ...

Existiram épocas de muita seca em N. Iguazu, e os lavradores pediam ao P. João, para fazer uma procissão para chover, e quantas vezes, ao final da procissão, começava mesmo a chover.

Lembro-me de uma certa vez, a mãe de um empregado nosso estava muito doente, morava no alto do morro por cima da nossa Pedreira, sendo por nós avisado, para lá se dirigiu o bom velhinho com a força de um jovem e sacramentou a velhinha doente. Não havia caminho para carro e por isso, subiu a pé. Na volta desceu por outro caminho chamando os moradores para a Igreja e não deixarem de participar da missa e perguntava-lhes se eram casados na Igreja.

O Padre João fazia suas orações casando-os. Se não tinha um lapis a mão, pedia um pedaço de carvão e com este anotava o casamento, para depois poder passar no livro de registro.

Certa vez acompanhado de meu pai, foi sacramentar um doente em Paraiba do Sul a pedido da família, pois vários padres da localidade, já haviam estado em sua casa e nada haviam conseguido. P. João com o seu jeitinho conseguiu ministrar-lhe os sacramentos.

Na madrugada, quando se chocaram um caminhão de gazonina com um trem de passageiros e que morreram dezenas de pessoas, queimados como tochas humanas, lá estava o bom P. João, naquela manhã chuvosa, dando a extrema-unção aos que se encontravam moribundos.

Sua moradia em baixo da torre da Igreja e posteriormente nos fundos do altar, era de extrema pobreza e poucos foram aqueles que tiveram a ventura de entrar no seu quarto.

O seu médico era o Dr. Humberto Baroni. Quando ia visitar as doentes, o P. João lhe pedia que caso o doente estivesse mal, não deixasse de avisá-lo e quantas vezes aquele ilustre médico por desencargo de consciencia, não deixava de avisá-lo, na volta da visita ao doente, batia na porta da Igreja, fosse a hora que fosse, dando conta do ocorrido.

Por volta de 1940 mais ou menos, Frei Frederico passou a vir de Petrópolis, para dar uma mãozinha ao P. João. Frei Frederico viu que p. João trabalhava por dez.

Em outra ocasião, o Padre João foi visitar uma senhora muito doente, rezou com ela a Ave-Maria e quando chegou nas palavras " agora e na hora de nossa morte ", a velhinha morreu. De outra feita foi a Queimados para ministrar os sacramentos a piedosa velhinha e que estava muito doente, chagendo a queimados haviam 2 cavalos a espera, um para P. João e o / outro para a pessoa que o foi buscar, a casa ficava longe do estação.

Chegando a casa da doente, que estava muito mal, e quando o viu ficou toda contente. Pe. João deu-lhe a extremação e depois, a velhinha, muito sem jeito, perguntou: " P. João quando eu chegar no céu, o que eu vou dizer ao que respondeu ele " Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo " e os anjinhos responderão: " Para sempre seja louvado "; mas / quando Lá chegar a senhora não esqueça de pedir por N. Iguazu e pelos seus paroquianos. Pouco depois a doente morreu.

Todos os casos aqui relatados foram verídicos, tiveram muitas testemunhas.

Padre João, como gostava de ser chamado, foi nomeado " monsenhor ", na época que D. Jaime de Barros Câmara, era arcebispo de Rio de Janeiro. Meu tio Vitorino, deu-lhe todos os paramentos, mas P. João preferia a batina surrada, foi preciso que meu tio Vitorino se ajoelhasse aos seus pés, para que ele aceitasse os paramentos. Após a construção da Igreja, edificou o Colégio das Irmãs, nos fundos da atual catedral (atualmente demolido). Durante 25 a 30 anos, minha santa Mãe, deu-lhe comida e era eu e meu mano Carlinhos, que normalmente a levavamos na igreja. Sempre dividia a comida com o sacristão que se chamava Vitor, e ainda com alguma outra pessoa que estivesse presente. Andava sempre com uma sacola as costas, sempre com alguma coisa dentro para se mortificar.

Veio a criação da Diocese, preparou a Catedral para a posse do 1º Bispo, que foi D. Walmor. Na posse de D. Walmor, P. João não com pareceu, pois não gostava de homenagens, só chegando no finalzinho das solenidades.

Com a idade avançada, foi de seu desejo, ir para Patos de Minas, onde se encontrava D. José André Coimbra, antigo Bispo de Barra do Piraí, grande amigo seu. Muitas pessoas inclusive nossa família, pediram-lhe para que não fosse; mas ficou firme na sua decisão, dizendo que a sua missão aqui em N. Iguçu, tinha sido cumprida, e que ele precisava ir para outras Paróquias, salvar outras almas e a sua própria.

Com a vinda do 1º Bispo, se fizeram necessárias, certas mudanças na Catedral, com novas estruturas e a que o P. João não estava acostumado, sempre tudo fazendo sozinho, não se adaptando ao novo sistema. Vieram novos Padres, e com isso algumas naturais divergências.

Depois de muita insistência, meus manos Vitorino, Carlinhos e Joaquim Curvelo / (motorista da pedreira), resolveram levá-lo para Patos de Minas pois acabaria para lá se dirigindo, de ônibus ou até mesmo a pé seguindo suas próprias palavras. Na madrugada do dia 19.01.61, precisamente às 2.25 horas, lá se foi o / santo homem, o Bom P. João, com meus citados manos, que levaram 3 dias para chegar ao destino ou seja Patos de Minas, era época de muita chuva e a estrada de chão estava péssima

Quando finalmente chegou a Patos, D. José recebeu p. João de braços abertos e com / enorme emoção. Quiz que ficasse com ele no Palácio, mas P. João preferiu uma paróquia bem pobre e com pouco movimento. O único / dinheiro que o P. João levou, foi doação de amigos seus, inclusive Dr. Altair Pimenta de Moraes, seu grande amigo particular.

Com o passar do tempo, já em Patos de Minas, a fama de P. João cresceu, e aumentou muito a presença dos fiéis na capela onde ele passou a trabalhar, vindo até mesmo gente de outras paróquias para se confessar com / aquele Padre que a todos encantava, eram tantos confessar que o bom P. João chegava a ficar cansado.

Houve uma festa em Patos de Minas, e D. José admirou-se como o P. João, conseguiu com - gostar tanta gente; a Igreja ficou cheia. Na capela onde celebrava missa, havia também um orfanato onde uma Irmã de Caridade, cuidava de sua comida e de sua roupa.

Por ocasião de nossas visitas a P. João em Patos, sempre lhe dizíamos que quando quisesse voltar para N. Iguazu, era só avisar, pois estaríamos a sua disposição a qualquer hora. Mandava sempre lembranças a todos.

Veio a doença de P. João. D. José pediu-nos que talvez fosse melhor buscá-lo, para morrer em N. Iguazu, de onde nunca poderia ter saído, pois amava muito N. Iguazu e seus paroquianos.

Numa manhã bem cedo, saímos, eu Orlando, vitorino e P. Dinarte, com destino a Patos de Minas, e com o propósito de trazer de volta o bom velhinho, e assim aconteceu

Saimos de Patos, bem cedinho, depois de custar a convencê-lo a voltar para N. Iguazu, antes que ele se arrependesse e também antes que começasse a chegar o povo de Patos. chegando a Nova Iguazu P. João, ficou hospedado na casa de minha Mãe, ali não querendo entrar, pois já estava / meio esclerosado, acabou cedendo e com o tratamento melhorou muito. Quando o povo descobriu que o P. João estava de volta a N. Iguazu, fazia verdadeira romaria para visita lo. Ai o P. João logo percebeu como o povo gostava tanto de le. Ficava todo satisfeito, e era de tal ordem a romaria, que houve necessidade de só se permitir as visitas, duas vezes por semana. Esteve em casa de Mamãe, 8 meses. Ficava também muito

contente quando as Irmãs do Colégio Sta. Antonio iam visita-lo, nessa ocasião parecia até um jardim, as freiras em volta de P. João. O medico como disse, era o Dr. Humberto mas quem lhe apicava as injeções, eram às freiras.

A doença se agravou e o Dr. Humberto, achou por bem interná-lo com a ajuda da Igreja, foi internado numa clínica em Jacarépagua ficando somente 3 dias. Depois transferido para o Abrigo Cristo Redentor, onde foi muito bem recebido, ficando satisfeito pois estava justamente entre os pobres, o que ele mais queria. Mesmo doente dava assistência aos doentes.

Pegou uma pneumonia e dai teve poucos dias de vida. Seu corpo foi velado na Catedral que / construiu. Verdadeiras multidões queriam vê-lo, principalmente os pobres, que não saiam de volta de seu caixão. Foi enterrado com grande acompanhamento, e a cidade onde tanto trabalhou parou em sua última homenagem. Deixou um testamento com D. José e logo após entregue ao falecido P. Dinarte. Foi de seu último desejo, ser enterrado entre os pobres, numa cova rasa, com uma cruz de madeira, pedindo ainda que não o tirassem de perto do seu rebanho.

Fundou várias associações. Liga Católica, a qual eu pertenci, Marianas, Vincentinos, Filhas de Maria, Apost. da Oração, Irmadade de Sta. Terezinha, N. Sra. do Carmo, etc....

Tanto nas missas, como nas aulas de catecismo, o P. João chamava as crianças sempre para os primeiros bancos, jogava e distribuía bala entre eles. As vezes puchavallhes as orelhas ou o nariz, mas sempre carinhosamente. P. João sempre viveu pobre e morreu pobre, já muito se reclama, seja dado o seu santo nome, a uma de suas obras, como por exemplo a " Casa de Oração ", cujo terreno foi por ele adquirido.

FALAR DE PADRE JOÃO, É FALAR DE UM GRANDE SANTO,
QUE TIVEMOS A HONRA DE CONHECER E CONVIVER COM ELE.

JOÃO CARDOSO TAVORA. 10/12/80

MENSAGEM DO Pe. JOÃO AOS PAROQUIANOS DE NOVA-IGUAÇU.

A CARTA.

Ei-la na integra:

"Sr. Dionosio Bassi, D.D. Diretor do CORREIO DA SEMANA. Saudações respeitosas. Já vão alguns anos que V. despacha gratuitamente o seu jornal, CORREIO DA SEMANA, sem pedir esportula alguma, nem que eu envie gratificação. Admirável é o seu nobre caráter. E mais ainda por admirar que o faz a um simples padre alemão. Deus, por certo, pagará esse nobre proceder até cento por um. Meses após minha saída de Nova Iguaçu, por meio de carta, pedi suspendesse a remessa do jornal, por não ter com que pagar as despesas; mas os jornais continuaram a ser enviados. Com tal comportamento mostra V. dedicação para com seu nobre amigo.

Minha boa gentinha brasileira grandinha e miudinha, respeitai sempre os ministros de Deus, tal como o nobre Diretos do CORREIO DA SEMANA faz com o Padre João, e estareis assim a cumprir a SANTA VONTADE DO PAI ETERNO.

Recordo-me, Sr. Dionisio, vivamente do dia em que o velhote Padre João foi elevado pública e solenemente, à alta dignidade não merecida de passar à alta dignidade de CIDADÃO DE HONRA DE NOVA IGUAÇU. Ainda hoje sou grato! Você foi o excogitador principal dêsse gentil proceder.

Quanto a eu ter abandonado a paróquia de Nova Iguaçu, não foi malícia minha. Vi-me obrigado a cegamente obedecer. Sai à meia noite, sem conhecimento do bom povo, enquanto meu coração sangrava. Singularmente respeitava meu rebanho tão obediente. Mas o bom Jesus tomava providência e o nobre Dr. advogado Gomes Pimenta mandou-me 25 contos, soma tão alta que dava para pagar as despesas feitas no Hospital de São José, no Rio. Os filhos bem educados de Dona Júlia Távora levaram-me, gratuitamente, sob chuva torrencial, a Patos, sem pedir tostão algum. É nobre. Meio morto, cheguei à nova residência. Chamaram o médico que me mandou para o hospital. O Bispo Dom José, quase lacrimoso, me acompanhou. Após um mês, senti-me curado e voltei ao trabalho. Embora desconhecido e quase evitado pelo novo, por una meses, hoje, nas missas dominicais, as igrejas se enchem de católicos. Uma

das igrejas ganhou grande incentivo, todos contentes, pobres e ricos, sábios e simples; e gritam: "Padre João é nosso".

Por esse motivo já não posso abandonar tão simples, porém, nobre rebanho. Quero, contudo, afirmar que não desprezo meu ex-rebanho da Baixada Fluminense. Pelo contrário, rezo diãramente por todos.

Respeitosas lembranças ao Exmo. Sr. Bispo, Santo Sofredor, como eu ouvi. Lembranças cordiais aos meus paroquianos, amados ainda hoje por mim. Lembranças também a todos os de outras seitas. Gratas saudações, principalmente, à família benfeitora Dona Júlia Távora e sua fina e educada família, que me mandaram alimentação pelo espaço de 31 anos. Um abraço de gratidão ao Sr. / Victorino Cardoso de Mattos, vulto singular, de coração alegre e obediente, carregando malas às costas para as capelas longinquas. Nunca mostrou aborrecimento, e cantando e rezando, com piedade, chamava a atenção para o Augusto Sacrifício da Missa. E todos, nolens, volens, genuflexos, escutaram e acompanharam o Santo Rezador, Victorino chamado. No céu há de brilhar, um dia, como astro luminoso.

Saudações, religiosas para V., Dionosio, e diga uma saudade para todos quantos se lembram ainda do velho e grato

Pe. JOÃO MUSCH.

" CORREIO da SEMANA "

O VELHO VIGÁRIO =====

ONDE SE ENCONTRA HOJE -

neste exato momento - o meu querido amigo ?

" No céu ! Perto de Nossa Senhora ! " -
responderão os de coração puro. Os que entrarão no Reino Eterno a convite do Pai.

As autoridades eclesiásticas (mesmo as que forem tão puras como aqueles), porém menos simples, contestarão que o pequenino pároco está em Deus, no ininteligível mistério divino.

Eu, homem comum, sem a singeleza que caracteriza os puros ou a certeza que distingue os sábios, digo que não sei, onde está. Melhor, afirmo e até creio encontrar-se ele 7
diante de nós: em alma ou espírito. Por certo ouvindo-nos. Escutando estas minhas pobres palavras. Palavras que me pediram e fossem elas portadoras da saudade, do não-esquecimento nosso da recordação que o vigário velho nos deixou.

Repito, então - já agora sem medo - que estás aqui. Padre João e só não te vejo com os meus olhos não posso. Mas enxergo-te de outra forma e nitidamente. Pálido e emocionado. Vestindo, como de costume, a tua batina surrada. Surpreendido. Emocionado e surpreendido.

Eras tão despojado que nunca esperaste homenagens, gratidão, reverência. Sinto que te espanta a nossa pia lembrança gentil de virmos, logo hoje, visitar a tua campa.

E quando souberes - ou já o sabias ? - que um príncipe da Igreja, o senhor nosso Bispo, que de ti conheceu apenas a lenda e a obra, foi quem semeou o primeiro grão da sociedade dos teus amigos, balançarás a cabeça, incrédulo, tímido, em pânico, repetindo / que é por demais, demasiada glória. Até poderás julgar que sonhas Mas os mortos não sonham. Padre João, eles vivem o sonho que nós vivos sonhamos.

sociedade existe e os teus amigos, através
s anos cultuarão a tua memória, mostrando
s que vierem e aos que te esquecerem, a /
ra imensa, o esforço sobre-humano assaz in
nte para um só homem: fraco, vêzes sem con
incompreendido.

Dois anos

Já dois anos deixamos aqui, neste
lugar, o que restava do teu can -
saço, que cansado estavas e muido
lorido. Amar dói. Dói quasi insu-
portavelmente, sobretudo quando se
ama a Deus como tu amaste.

Foi num fim de manhã de sol.

A enorme multidão-cortejo que trazia o esquife, alongava
o caminho, penosa de separar-se do padrezinho tão amado.
Numa autoacusação de que o abandonava, arrastava-se vaga
rosa. No entanto, o sol refulgindo, parecia sorrir.
Queimava o cortejo-multidão, esporeava-o para que aligei-
rasse o andar. Tinha pressa. Mal esperava. Não podia aguar
dar, impaciente, o momento de iluminar a porta estreita.

Manhã de sol ! Cortejo triste !

Prantos e desconsolos há pequena gente anônima.
Veladas mulheres encanecidas, em silêncio de amargu-
ra pesada, seguiam em procissão ao lado de crianças
risonhas. Tão e mais próximas de Deus, as ciranças
pressentiam a oferenda de paz que havia no ar e, sem
a oferenda de paz que havia no ar e, sem querer, sor-
riam.

Vi homens áusteros, de vida sóbria, se debruçarem sobre a caixa
funerária e beijarem as mãos do monsenhor morto.

Durante a vigília ouvi, e quem lá estava também ou-
viu, o que deve ser recontado em prosa e verso.

Estão aqui, na terra iguaçuana, coberta por este pedaço de azul
que nos coube, os teus ossos. Sob a chuva e o vento nosso, vento
aquele mesmo que levava a todos os lares as tuas orações pré -
matinais: "Padre Nosso que estais no céu ..." - "Ave Maria cheia
de graça ...".

Está em Iguaçu o teu pó.

Para sempre !

Pois ainda que contrariando pedido teu -
fruto de vera modéstia -

te reconduzermos, um dia, à Catedral, sossega,
nada é tanto Iguaçu como o chão da velha casa
de Santo Antônio de Jacutinga.

Estamos hoje reunidos em memória da humildade daquela tua renúncia total, completa e definitiva, a qualquer bem material. Em memória da tua castidade confessada e reconfessada.

Eis-nos aqui pelos tijolos e pelas pedras que levanta
ram igrejas, capelas e colégios.

Estamos em festa pela exaustão dos teus pés caminheiros, e por aquelas mãos gretadas e calcinadas que, numa energia última, ainda encontravam ânimo para se /
erguerem, distribuindo bênçãos.

Encontramo-nos diante d'êste tûmulo por tua cândida alegria gratuita. Alegria de servir a Deus com fé - sem indagações ou comprometimentos filosóficos. Alegria que se extravasava em pequenas risadas de homem que sê encontrou. "Deus nos quer alegres. mesmo na dor precisamos ser felizes.

Congregamo-nos em rememoração do que foi dito e de muita
ta e tanta coisa mais que foi esquecida.

Nós todos.

Todos nós.

Sem distinção.

Nós que fomos amados por ti e nem te amamos como merecias. Quando se comemora o teu nascimento, monsenhor Müsch, data máxima da Sociedade dos Amigos do Padre João, contritos, junto à tua pedra, repetimos com São Francisco:

" É dando que se recebe.

É perdando que se é perdoado,

É morrendo que se ressuscita para a Vida Eterna".

ALTHAYR PIMENTA DE MORAIS.

(Presidente da Sociedade Amigos do Padre João)

" CORREIO de MACHAMBOMBA "

23.12.67

AS GRANDES OBRAS REALIZADAS POR

MONSENHOR JOÃO MUSCH

JUNTO À LIGA CATÓLICA JESUS, MARIA, JOSÉ ,

de 1933 a 30 de junho de 1960

1. A primeira iniciativa de mos. João Müsch foi no sentido de transformar as torres da Igreja de Santo Antônio em uma torre grande no centro e dois anjos dos lados, obra executada por mestre Justino Ribeiro. A igreja apresentava antes / uma torre mais alta no centro e duas menores dos lados.

2. A construção do Ginásio Santo Antônio iniciou-se em 1934, com dois andares, dispondo de todo o conforto para alunos e professores, com boas salas, capelas, dormitórios, etc... Terminou as / construção em 1940. Seguiram-se então as obras do Colégio Santo Antônio anexas ao Ginásio, entregues aos construtores Campar & Filho, com três salas, dois salões - um térreo para cinema e festas outro superior para dormitório, além de outras / dependências. Concluía a obra em 1951, inaugurou-a o Cardeal D. Jaime Câmara, que promoveu o vigário João Müsch a Monsenhor. Naquele ano, isto é, em 1951, a festa de Santo Antônio deixou um saldo apreciável, que se elevou a 180.000 cruzeiros o que levou a Comissão de festeiros a propor a mons. João Müsch construir-se uma cúpula na Igreja de Santo Antônio. Tratando-se de pessoas amigas e de destaque em nosso meio social, mons João Müsch concordou com o projeto, e a comissão de festas confiou as obras ao construtor Geluido / Frazzoli, infelizmente, pois, colocada a cúpula, pouco depois apareceu uma grande rachadura na parede principal, uma fenda de alto a baixo, que nã

turalmente provocou alarme no colégio próximo e nos moradores vizinhos.

3. Pediu se uma vistoria judicial urgente o Juiz de Direito da Comissão atendeu, as obras foram condenadas e tiveram ordens de demolição imediata, entregando-se esse serviço a uma trurma de trabalhadores chefiado pelo eng. R. Matta, todos com seguro de vida. Resultado: o 7 construtor Geluido Frazzoli desapareceu por completo, e os prejuízos da Igreja, com a construção e demolição da cúpula, atingiram 400.000 cruzeiros, obrigando / assim ficassem paralizadas por algum tempo as obras da Igreja.

4. Em 1954, mons. João Müsch, de acordo com o Bispo D. José André Coimbra, propôs ao dr. Renato Pedrosa a compra da Fazenda da Posse, para a construção ali de um seminário, um colégio ou asilo para velhos e menores abandonados, mas não dispunha de recursos suficientes. Sugeriu o dr. Pedro sa ao Bispo D. André Coimbra e ao mons. João Müsch que seria conveniente procurarem pessoalmente o proprietário da Fazenda, dr. Osvaldo da Rocha Miranda, que residia na Fazenda Itapetininga (SP) de sua propriedade. Aceita a sugestão, seguiram ambos para São Paulo, em companhia dos Conselheiros: dr. José A. Machado Fº, Joaquim Quaresma de Oliveira e Avelino José Bittencourt, a fim de se entrevistarem com o dr. Osvaldo da Rocha Miranda, que os recebeu muito bem e ficou satisfeito ao saber para que tencionavam adquirir aquela Fazenda, facilitaria até a compra, pedindo um preço 7 razoável e em boas condições de pagamento, desde que a futura obra se desse ao nome de seu falecido pai, o dr. Rocha Miranda. Aceita prontamente / essa condição, ficou assentado em contrato que a Mitra Diocesana de Barra do Piraí compraria a Fazenda da Posse pelo preço de Cr\$1.800.000,00 (um

milhão e oitocentos mil cruzeiros), pagável em prestações mensais de Cr\$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros), sem juros. Esse pagamento tem sido feito pontualmente pela Liga/Católica Jesus, Maria, José, por ordem de mons. João Müsch.

5. Em Janeiro de 1956, mons. João / Müsch, com a colaboração da Liga Católica, iniciou as obras da nova cúpula, dessa vez entregue à firma construtora Erik Berthold & Cia. Ltda., do Rio de Janeiro, obras que ficaram prontas em agosto daquele ano, inclusive a reforma do teto da Igreja.
6. No ano seguinte, isto é, em 1957, cuidou-se / da construção do Altar-Mor de Santo Antônio bem assim da Mesa de Comunhão, em mármore estrangeiro, trabalho esse executado pela firma Eurico Guarnieri, Ind. e Comer. S.A., do Rio de Janeiro, e entregue pronto em janeiro deste ano.
7. Seguiram-se: - Calçamento do adro e passeio em frente da Igreja, pela firma Ivam da Silva Vigné; substituição, no interior da Igreja, de toda a barra de cimento por uma de mármore escuro, do que se encarregou uma firma de São Paulo - Mennucci & Ltda., que terminou o trabalho a 8 de junho deste ano.
8. Neste mês de junho, fêz-se a 71ª prestação da Fazenda da Posse, atingindo um total pago de Cr\$ 1.065.000,00

9. Com a criação do Bispado de Nova Iguaçu e nomeação do primeiro Bispo D. Walmor Battú Wichrowski, a Liga Católica Jesus, Maria, José, pelos diretores, fez entrega, por meio de um balancete, de todos os documentos e saldo geral na importância de Cr\$ 162.384,20 (cento e sessenta e dois mil, trezentos e oitenta e quatro cruzeiros e vinte centavos). Na mesma ocasião, o Conselheiro Joaquim Quaresma de Oliveira, que acumulava na tesouraria das Obras da Matriz, pediu exoneração desse cargo, permanecendo no entanto na Liga Católica. E reconheceu, na pessoa veneranda de mons. João Müsch, um verdadeiro apóstolo, trabalhador e honesto. Finalmente, apresentamos sinceros agradecimentos ao povo de Nova Iguaçu, a todos aqueles que auxiliaram nas obras realizadas e na compra da Fazenda da Posse, já no final da sua liquidação, e que será amanhã um grande patrimônio para a Catedral de Santo Antônio.

Nova Iguaçu, 18 de setembro de 1960.

Ass.) Associados da Liga Católica

J.M.J.

" CORREIO da LAVOURA " -----

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SANTO ANTONIO - IESA.

Em 1930, Nova Iguaçu era uma pequena cidade de 28.000 habitantes, cercada de colinas verdejantes, a rica terra dos laranjais, o maior centro de exportação de laranjas do Brasil. Nessa cidade de casas modestas, ruas / ainda não calçadas, mora um povo hospitaleiro e acolhedor; pessoas amigas que se "conhecem", se cumprimentam, se preocupam comerciantes, gente que trabalha nos laranjais e negocia com laranjas; cujo interesse está em torno de laranjas e que crê com fé inabalável que DEUS dá um jeito para tudo. " DEUS É GRANDE ! "

O pe. João é o único sacerdote para as 28.000 habitantes de Nova Iguaçu. Celebra missa na matriz que ele ajudou a construir com suas / mãos, ora pedreiro, ora servente, ora engenheiro improvisado, ora festeiro para angariar meios para erguer o templo do Senhor.

Celebra missa no " mato ", num altartosco e improvisado, no meio dos seus queridos pobres. Reza e canta. Entra nos barracos, faz casamentos, come com os pobres e se sente à vontade; consola e conforta os doentes e moribundos, brinca com as / crianças, anda nas ruas poeirentas, com um saco às costas, onde carrega o necessário para celebrar missas e administrar sacramentos; conversa com todos; acena ao maquinista do trem e pede carona, e o maquinista, que conhece o caminheiro de / Deus, para o trem e leva o padre para a próxima estação. Enfim, volta cansado à sacristia da matriz e dorme no chão. A messe é grande, torna-se sempre maior e demais para um único sacerdote, por mais santo que seja.

O Padre João pede a Deus, suplica às madres gerais e provinciais, que mandem irmãs para auxiliá-lo. Ninguém aceita este lugar pacato pobre, muito quente, cheio de mosquitos, muitas vezes sem água, e ainda sem cultura.

Por esta ocasião, em 1933, Madre Maria Edeltrudis Hohnerlein, se encontra no Brasil em visita às pioneiras de Arroio do Tigre, Agudo e Barra do Pirai.

O Padre João não perde a oportunidade. Vai em companhia de uma senhora de cor, muito distinta e piedosa, para se encontrar com a Madre. De joelhos, esperançosos e humildemente, suplicam à Madre:

" MADRE, POR AMOR DE DEUS E POR PIEDADE,
ENVIE IRMÃS PARA NOVA IGUAÇU ! "

Madre Edeltrudis não resiste a tanta humildade, simplicidade e fervor apostólico.

Sua resposta " SIM " comove o Pe. João e Da. Inês. Agradecidos e com muita emoção e respeito, beijam as mãos da Madre e voltam com a boa nova:

" VIRÃO IRMÃS PARA NOVA IGUAÇU " !

Logo planeja e movimenta tudo para iniciar a construção do colégio e da moradia das irmãs.

1934 - 7 de setembro:

As irmãs prometidas chegam da Alemanha. Vão primeiro a Barra do Pirai para aclimatizar-se, conhecer os novos costumes e a língua portuguesa, e superar as primeiras dificuldades.

1935 - 18 de fevereiro:

um dia importante para Nova Iguaçu !

Vem as irmãs !

Muitas pessoas nunca viram " irmãs ".

Na estação do trem aglomera-se muita gente:

curiosos, crianças com seu professor Vitorino Távora,

o Apostolado de Oração, as Filhas de Maria e no auge de alegria e emoção, o vigário Pe. João e Da. Inês.

Tocam os sinos !

Todos se dirigem à Matriz, onde as irmãs são festivamente recepcionadas. Diante do altar estão as primeiras irmãs: a Superiora Irmã M. Gertrudis Lang com as irmãs Maria Inocência Merk, Maria Thuseide Pfister, Maria Régula Huber e Maria Sebalda Weinmann que, com alegria e entusiasmo, na expectativa do que haveria de vir, assumem a sua missão.

Onde ficaria o Colégio das irmãs?

Atrás da igreja.

Nem o primeiro andar, nem uma sala de aula, nem a moradia das irmãs, nada concluído.

O pai do Sr. Moura cede uma pequena casa para as irmãs morarem. Para lá a boa Da. Inês as conduz e para lá vão as caixas e os caixotes/ com o necessário para elas se instalarem. Cada uma se arranja num lugarzinho, servindo de móveis próprios caixotes que as irmãs trouxeram com o indispensável para morar.

O povo de Nova Iguaçu está feliz com a vinda das irmãs. Querem-lhes bem. As crianças terão um escola católica.

Logo planeja e movimento a construção do colégio e da moradia das irmãs. 1934 - 7 de setembro:

Começam as matrículas e as aulas.

Onde? Por enquanto no porão da igreja, com salas abertas, separadas por biombos improvisados, pisos de cimento, 70 alunos numa sala; condições quase impossíveis. Mas, é uma "escola" e tem "Irmãs" que lecionam.

Contam as primeiras Irmãs que Pe. João queria acolher todos os alunos que procuravam vaga para estudar no Colégio das Irmãs. A Irmã regente de uma turma procura explicar-lhe que não cabia mais nenhum banco na sala, Pe. João responde-lhe, pois então que se sen-

tem no parapeito da janela ou no chão,

Depois das aulas, alunos, Irmãs e algumas professoras carregam tijolos para apressar a construção do colégio e, depois, do salão paroquial. A família escolar é unida/ e cresce sempre mais. A semente foi lançada com muita generosidade e fé na providência divina, e o Senhor abençoou esta obra, e fez com que a sementinha nascesse e crescesse com grande vigor e força vital. O colégio ficou pronto, funcional, bonito e acolhedor.

E a bênção do Pe. João Músch paira sobre o IESA.
Quando as obras da construção da nova sede já estavam bastante adiantadas, Pe. João foi levado a conhecê-las. Fez questão que levassem de sala em sala para dar a sua bênção e do alto do terraço atencendo a todos os habitantes de Nova Iguaçu. Olhando para o alto disse:
Lá do alto abençoarei a todos.

= A VOCE IGUAÇUANO. =

Estas linhas foram escritas para que você se lembre de uma figura que durante muitas décadas foi marcante nesta gloriosa Iguaçu.

PADRE JOÃO MUSCH

quando o conheci, era dia da

FESTA de SANTO ANTÔNIO

missa solene, venda de fitinhas, sorte, santinhos pregados no para-brisa dos carros e muita música.

A " Furiosa " de Nilópolis ao lado da Banda Portuguesa.
E Padre João, cabeça branca, com uma sacola nas mãos, sempre a pedir, não para si, mas para as obras da Igreja.

Aquele santo homem, rompendo as barreiras do individualismo, deixa-se penetrar pela presença de outros seres, seus irmãos.

Padre João promete o céu aos caridosos. Para ele todos / são santos e bons. Deus fez o mundo cheio de bondade, cheio de amor, cheio de vida e só o egoísmo tem a função de crestar, secar e destruir

DIA de SÃO JOÃO, 24 de JUNHO

Onomástico de Padre João.

O colégio das Irmãs vai parabenizá-lo. As crianças levam bolo, doces, pequenas lembranças para o querido amigo. Lá está ele emocionado e não se acostuma a receber pois o seu carisma é DAR. Distribui

com as crianças os doces, o bolo, as balas que recebeu e leva consigo apenas a grande alegria vivida no meio das suas crianças.

A Igreja está em reforma, o colégio das Irmãs precisa aumentar e Padre João continua sua peregrinação de pedir. Piedoso, humilde, lá vai o santo homem pedir tijolos, areia e tudo mais. Este aqui lhe promete 5.000 tijolos mas no papel escreve 500, mas Padre João consegue no seu dinamismo retirar 5.000 tijolos. Como transportá-los? Tem que arranjar transporte de graça! É um milagre! Arranjou os caminhões. Elegam os tijolos. Quem vai descarregar? As Irmãs em fila, uma professora com alguns / alunos lá estão para um trabalho de amor e humildade de boa vontade, na tarefa que lhes foi destinada quando se consagraram pela vocação / de servir

Domingo: 8.30 horas.

É a missa das crianças.

Todas alunas do colégio das Irmãs, com sua caderneta na mão, lá estão. Uma criança de três anos sobe ao altar, quer brincar de esconder atrás das pilastras do altar. Padre João sorri, pega a criança ao colo e pergunta: " Quanto lhe darão pela devolução daquele tesouro que tem nas mãos " ?

Como era belo no seu amor às crianças

Lá vem Padre João de sua jornada diária pelo Município de Nova Iguaçu. Cansado, sapatos / quasi sem sola, roupas surradas, suado, mal alimentado, caminha pela linha do trem, até que encontre quem lhe dê uma carona. De repente aparece lá na curva a máquina do " Maria Fumaça ". Apita, apita, mas aquele Padre de cabeça branca, de braços abertos, implora que o trem pare. E a máquina para! Rapidamente Padre João pula paca perto do maquinista e num sorriso agradece a Deus pela carona que conseguiu

Quantas histórias poderíamos contar
sobre esta inesquecível figura, fe-
liz apenas na prática do bem.

Simples, pobre, superando dificul-
dades, revelou uma perfeita humil-
dade, firme vontade e dignidade na
vida sacerdotal.

Realizou sua missão de iluminar e
confortar as almas

PARTIU PADRE JOÃO !

Veio ao mundo para servir
e não para ser servido.

FOI FELIZ !

ELE SABIA AMAR !

DORA PAPALEO

CENTENÁRIO DO P. JOÃO (1880-1980)

DOM ADRIANO

O centenário do P. Müsch, que durante trinta e um anos foi vigário de Nova Iguaçu, ocorre no dia 13 de dezembro. Para comemorá-lo, foi programada uma série de atos públicos na Catedral e foi realizado em toda a nossa diocese um Ano Diocesano de Vocações. Interessava-nos olhar a figura histórica do P. João, mas ao mesmo tempo renovar o nosso compromisso de uma Igreja que serve o Povo de Deus agora e amanhã, assim como o P. João serviu ontem. Neste sentido gostaria de fazer duas colocações que me parecem importantes para nós pessoalmente e para nossa comunidade de Igreja diocesana. O ponto de partida é o P. João Müsch.

1. Fidelidade a Jesus Cristo

O decisivo e o definitivo em nossa vida, em nossa atuação de cristãos que como sacerdotes, religiosos ou leigos engajados queremos ser colaboradores de Deus, é nosso relacionamento pessoal com Jesus Cristo. Deste relacionamento pessoal decorre, em todos os aspectos, nosso relacionamento com a Igreja e com o Povo de nossa Baixada Fluminense. Que é Jesus Cristo, o Jesus Cristo da História da Salvação e o Jesus Cristo da fé, o Jesus Cristo que é caminho, verdade e vida e o Jesus Cristo que é o único mediador entre Deus e os homens, o Jesus Cristo que é nossa esperança e nossa paz e o Jesus Cristo que é a Palavra definitiva de Deus pronunciada para a história dos homens, o Jesus Cristo que é o único salvador e libertador e o Jesus Cristo que é ressurreição e vida, que é Jesus Cristo para cada um de nós?

Deve existir uma diferença profunda, marcante, inconfundível entre nossa ação de cristãos comprometidos, qualquer que seja a nossa atividade e a nossa tarefa do momento, qualquer que seja a nossa vocação e o nosso estado de vida,

qualquer que seja a nossa opção e o nosso estilo pessoal. Se não houver esta diferença característica e sensível, pouco importa ser cristão ou não ser cristão, ser engajado ou não ser engajado no Evangelho, construir ou não construir a paz. Há, deve haver essa diferença específica. E essa diferença fundamental, inconfundível decorre do nosso relacionamento pessoal com Jesus Cristo, daquilo que Jesus Cristo significa e motiva em nosso ser profundo e em nossa ação. Até que ponto — vale sempre de novo parar e perguntar — podemos, mesmo aproximadamente ou apenas como ponto de referência, dizer o que Paulo, com humildade e alegria, afirmava de si mesmo: «Sim, eu vivo, mas já não sou eu: quem vive em mim é Cristo» (Gl 2,20)?

A consequência mais clara deste crescimento de Cristo em nós é o crescimento claro de nossa disponibilidade, de nosso serviço, de nossa abertura, de nossa pobreza, tudo aquilo que Paulo tenta resumir em várias passagens, de modo particular em 2Cor 5-6.

Precisamente por vivermos e trabalharmos numa região difícil e martirizada pelos contrastes sociais, entre desafios de toda espécie, temos de colocar Jesus Cristo no centro de nossa vida pessoal e no centro de nosso esforço pastoral. De nossa fidelidade a Jesus Cristo vai depender essencialmente nossa fidelidade ao Povo.

2. Vocações de Igreja

O P. João Müsch foi um presente da Igreja universal para a Igreja do Brasil, mais exatamente para a Igreja da Baixada Fluminense. Veio da Alemanha, da região vulcânica do Eifel, entre a Renânia e as Ardenas, como vocação tardia que não conseguia realizar-se, para o Rio Grande do Sul onde, em contexto de colonização alemã, es-

perava chegar ao sacerdócio. Chegou e pela mão do bispo teuto-brasileiro de Barra do Pirai Dom Guilherme Müller veio para a Baixada Fluminense, seu campo definitivo de trabalho apostólico. O que era a paróquia do P. João em 1929 e nos anos seguintes corresponde hoje aos municípios de Nova Iguaçu, Nilópolis e Paracambi com 43 paróquias e 2 curatos.

O P. João é um dos muitíssimos padres que, com muitíssimos religiosos e religiosas, nos foram dados e continuam chegando, como sinal claro da universalidade de nossa Igreja e da abertura universal de nossa Pátria, para nos ajudarem a construir o Reino e a construir a Paz.

Somos profundamente gratos ao P. João e nele vemos um modelo e um exemplo dos padres ou religiosos que, apenas para servir a Jesus Cristo pelo serviço dos irmãos, deixaram suas Pátrias, com sacrifício e com espírito de Fé, para servirem a nossa Pátria.

O apostolado desses muitos heróis da Fé, geralmente anônimos na grande sociedade, deve-nos mover a um trabalho sério, constante e decisivo para formarmos, da riqueza de nosso Povo de Deus, os nossos quadros apostólicos. É uma questão de gratidão para com os nossos colaboradores vindos de outros Povos e para com a Igreja universal que os mandou para a Baixada Fluminense tomarmos a sério o convite de Jesus Cristo (Mt 9,37-38).

Do nosso Ano Diocesano de Vocações deve sobrar mais do que uma reminiscência. Procuramos, para comemorar o centenário de nascimento do P. João, movimentar nossa diocese, despertar interesse pelas vocações de Igreja. De muitas maneiras e em muitas ocasiões tratamos deste tema em nossas reuniões, em nossas pregações, em nossos grupos de base, em nossa catequese. Este esforço deve ser continuado. Devemos descobrir meios de conscientizar melhor nossas comunidades, nossas lideranças, nossos religiosos, nossos padres. Devemos criar em nossa diocese instrumentos aptos para cultivar e animar os jovens que se julgam chamados por Deus para o sacerdócio e a vida religiosa. Em todas as nossas comunidades deveria haver uma Obra das Vocações que assumisse o convite de Jesus Cristo para fomentar as vocações de Igreja. Se o que nos anima, em nosso trabalho pastoral, for essencialmente o amor de Cristo (cf. 2Cor 5,14), descobriremos vocações de Igreja em nossa querida Baixada Fluminense. Suficientes para nossas necessidades e, por que não? para ajudar Igrejas mais pobres do Brasil e do mundo. Pelos incentivos que nos deu, o centenário do P. João foi para nossa diocese um grande acontecimento pastoral. Nova Iguaçu, 26-11-80.

PEQUENAS NOTÍCIAS DO P. JOÃO MÜSCH

Neste número do Boletim Diocesano que comemora o centenário do P. João Müsch, acho saboroso citar alguns trechos inéditos que nos dão uma idéa da vida e da ação do grande apóstolo de Nova Iguaçu. É uma homenagem singela entre outras homenagens mais solenes. Os trechos, do punho do P. João Müsch, são tirados do Livro de Tombo da Catedral (A.H.).

Termo de Posse como vigário de Nova Iguaçu

Termo da posse.

Por sua Excia. Revma. Dom Guilherme Müller, D.D. Bispo desta Diocese da Barra do Pirahy, nomeado Vigário desta paróquia de Santo Antonio de Nova Iguaçu, tomei posse aos 27 de dezembro do ano 1929. — Nova Iguaçu, aos 27-XII-29. O vigário Pe. João Müsch.

Primeiras Impressões da paróquia

2-2-1930

Movimento Religioso.

O estado da religião é lastimável. Há pouca frequência da Santa Missa dominical, sem comparação menor é a recepção da Santa Comunhão. Segue fielmente a declaração da presidente do Apostolado do S. Coração de Jesus, Dona Iñez Diogo chamada, e ao meu ver é uma virtuosíssima senhora: 'Na 5ª feira santa do anno passado communiquei eu sozinha e só e em quanto cada 1ª 6ª feira do mez recebem apenas umas quatro pessoas a Santa Comunhão'. Falta a instrução religiosa aos meus novos parochianos mui amados! P. João Müsch.

Primeira Comunhão

15 de agosto de 1930

Hoje com toda a solemnidade foi celebrada a festa de Nª Senhora da Assumpção. 118 crianças pequenas e grandes bem instruidas fizeram sua primeira Comunhão. A matriz revestiu-se de gala e de fiéis enchia-se o recinto. Comovidos e de olhos rasos contemplavam os assistentes as ditosas crianças, vestidas de branco, bem como as bellas ceremonias. Grande número de adultos tomou parte da Santa Comunhão. A 16 horas procissão; em seguida renovação das promessas do baptismo, Terço, a Ladainha e apoz iniciou a festa externa.

Deus guarde a innocencia destas crianças.
P. João Müsch.

A igreja matriz de S. Antônio

Descrição da actual Matriz de Santo Antonio de Nova Iguaçu.

O estilo da veneranda Matriz é colonial. O adro é abrigado de grade de ferro. As dimensões da mesma são 20 x 10 metros, inclusive paredes de 1,20 cm. de grossura. A fachada termina com duas torres de quatro metros de altura apenas. No interior da Matriz occupam 6 altares, a cada lado tres e o altar mor a metade do espaço. A capella-mor ainda falta. Ampla cantoria offerece logar a umas cincoenta pessoas. Os constructores daquelle tempo esqueceram-se das janellas. Só pela porta entra uma pouca de luz. Ao lado esquerdo ha uma sacristia com sobrado, cujo comprimento é a da Igreja, medindo a largura quatro metros. É obra do zeloso vigario Sr. Luiz Viola. Relaxados são os livros do archivo. Uma verdadeira lastima, folhas rasgadas jogadas pela sacristia. Do vicariato do Revmo Sr. Padre Paulo dos Santos faltam os assentos de 1921 até 1925. O senhor Secretario Nabor endireitou os livros levando o trabalho oito dias 10-9-1930 P. João Müsch.

Comissão das obras da Matriz

Reunião dos membros da Comissão das obras da Matriz.

Com a graça de Deus, de dia em dia, andava crescendo o número dos católicos praticantes. Na hora da Missa dominical o espaço da Matriz e da sacristia não comporta mais os fiéis. A pedido meu, na Matriz reuniram-se os membros das obras, a saber: os senhores Cel. Jose de Castro, Capitão Sylvino Azeredo, Major Joaquim Mariano de Moura e Gel. Joaquim Quarezma. O membro principal desta Comissão, o benemerito dr. Honorio Pimenta falleceu em 16 de junho do ano elapço.

Resolvemos a augmentar o templo. Expus-lhes eu a necessidade de amplificar a Matriz, a chegar a 40 x 20 metros e uma ampla sacristia bem

como modificar a fachada, tirando as duas torres sem aspecto e fazer erguer uma só torre magestosa de elevada altura. Os venerandos membros deram uma gargalhada estrondosa. Fizeram-me ciente que o cofre possuía apenas 1.750\$000 rs. Disseram que o padre novo não conhece a situação de N. Iguassu: o povo é pobre e os ricos não tem coração para cousas religiosas; o padre vae nos deitar a Igreja actual ao chão e ficamos sem velha e sem nova. De veras elles tinham motivos sufficientes para fallarem de tal modo. Para os animar, disse eu convidavamos o Santo Antonio a fazer parte da Commissão, mas na honra de formar 'notas valiosas'. A estas palavras, concordaram rindo, porém sem assumirem compromissos.

Já no dia seguinte os senhores Sebastião Martins e Abilio Tavora, honestissimos católicos, puxaram pedras e areia. Apenas passaram 15 dias, grandes montões de enormes blocos de pedras causaram admirar e pamar o povo de Nova Iguassu, bons e maus. Em onze de fevereiro do anno 1931 houve o inicio da obra consideraval. Os constructor é portuguez e fita as orelhas ao ouvir pronunciar: Sr. Claudio Ferreira. Peçamos muito ao milagoroso Santo Antonio, mui d.gno Membro da Commissão para não um dia, aborrecido de nós, mandar o ultimatum da recusa.

20-II-1931 P. João Müsch.

Progresso das obras da Matriz

O andamento da obra.

Anda a obra para frente, sempre em boa harmonia: os fiéis e operários com seu vigário. Diariamente á hora marcada, pegam quatro pedreiros e tres serventes nos trabalhos. Acabada a doutrina, multidões de crianças carregam alegremente tijolos e outros materiais á obra; cada criança com seu pezo proprio, segundo a capacidade de força. Criancinhas miudinhas pegam meio tijolo. Até senhoras e donzellas fazem questão de levar material.

É um gosto ver as crianças, postas em filas, com suor no rosto, porem alegres, trabalhando e executar as ordens do Pe. João Allemão. Cada vez ganham alguma cousa: balas, tostõezinhos ou santinhos. Poucas vezes voltam para casa com um louvorzinho apenas. Crianças brasileiras são crianças de Deus, nobres e amáveis de coração. Pena é que as crianças não recebam as necessarias instruções religiosas e moraes, tanto em casa, tanto na Igreja!

A maior parte do material para a obra fornecem os paredões da velha Matriz, a saber: tijolos enormes e bem queimados, as taboas de lei do soalho e barroto.

Na hora de registrar estas linhas, a nova parte do acrescimo, 20 x 20 m. já chegou á altura de 5 m. inclusive a lage da Matriz, da Capellamora e a da sacristia.

Abriu-se um livro d'ouro e o povo generoso e profundamente católico assigna contos de reis! Se o diabo não construir sua choupana ao lado da obra nossa, não levará anno e a obra será terminada.

29-6-1931 P. João Müsch.

Primeiras Missas na nova Matriz

Coberta a Nova Matriz de Maxambomba! Devido à altura enorme das paredes de 17 metros, o transporte do material para o alto diminuiu visivelmente o rápido crescer das paredes. Nos últimos mezes trabalharam os serventes com suor no rosto. Durante a construção fiz o papel de um servente veloz, animando vagarosos, encostados, a cada passo, no cabo da pá.

Inolvidável será a festa dos Santos Reis, 6 de janeiro de 1932, na qual se celebravam as primeiras Missas na nova Matriz, toda coberta e revestida de gala. Em volta do altar provisório fizeram filas as meninas vestidas de branco e meninos com ramallete de myrte ao peito, esperando ansiosamente a primeira recepção de Jesus Hostia. De todos os recantos haviam afluído multidões de fiéis enchendo toda a ampla vastidão do recinto. De sobremaneira grande era a alegria dos generosos bemfeitores. A presidente do Apostolado contou 723 Comunhões na hora da Missa. O vigário dirigiu umas palavras de gratidão aos fiéis commovidos. Até dos olhos dos anciãos correram lágrimas pelas faces barbadas. A banda de música do sr. Djalma de Nilópolis abrilhantava, de tarde, a festa externa. Houve leilão animado.

Trata-se agora de embelezar as paredes, ainda sem revestimento, ladrilhar o piso e inteiramente modificar a fachada frontal. A Igreja tem tres naves e as colunas majestosas sustentam a vasta abobada da Matriz.

N. Ig. 10-I-1932 P. João Müsch.

Desastre na igreja de Queimados

Episodio na Capella de Queimados. — Desde que a Matriz de N. Iguassú foi coberta, lentamente ia a construção para o ponto final.

Como as antigas e venerandas Matrizes e Capellas se acham num completo abandono, é necessário de lançar um olhar de piedade para ellas.

No último domingo de maio do anno 1934, celebrando os fiéis a Coroação de N.ª Senhora em Queimados, um episódio singular e assustador interrompeu o ato commovente da Coroação. O pavimento todo buracado, taboas e barrotes totalmente podres, em parte o forro cahido ainda umas taboas penduradas, com uma palavra: Toda a Igreja mostrava perigo. Era noite. Em quanto as criancinhas, vestidas de branco e postas por sua ordem no altar, cantaram: «Aceitae esta coroa», de repente deu-se um formidável estalido estrondoso. O pavimento não aguentando o peso de tanta gente, arriou um metro para baixo, e com elle o povo total. Passou um momento pavoroso de gritos lacerantes. A custo arrastados para fora do buraco, metteram-se a fugir. Umas criancinhas, coitadinhas, levadas pelo susto, rolavam gritando do alto do altar para baixo, arrastando consigo vasos, flores e castiçais.

Voltado e acalmado o povo, aproveitei a ocasião, dirigindo a seguinte palavra: 'Durante longo tempo o povo serrou os ouvidos á voz dulcissima de N.ª Senhora, pedindo piedade para com a Igreja; hoje, porém, Ella vos brada com voz assustadora: não quero coroa, mas sim quero a reconstrução do meu templo'.

Desta vez o bom povo deu ouvidos benignos ao apello da N.ª Senhora. A coroação ficou sem efeito, porque as crianças levadas de susto, não queriam mais subir o altar.

Reuniram-se todos em frente da Igreja. A minha palavra arrastadora, resolveu um cavalheiro, Antonio Cardoso chamado, a tomar conta da cavacão de esmolas. Momentos activos deram-se em todo o Queimados. Crianças com cartão a furarem percorriam a povoação, nem forasteiro algum escapou-se. Não respeitando perigos, entraram nos carros dos trens. Donzelas armadas de listas percorriam as paróquias até o Rio. E dentro de alguns mezes, o templo recebeu forro de stucc, na alta abobada uma linda imagem pintada da N.ª Senhora, um pavimento ladrilhado e o velho altar de madeira podre foi substituido por um altar majestoso de cimento armado, o interior artisticamente pintado. Todo o mundo admirado disse: 'Queimados tem um povo de valor'.

Oh, Mãe de Deus, pagae tal enthusiasmo santo por vossa causa com juros eternos.

N. Ig. 8-7-1934

P. João Müsch

1.º de dezembro de 1930
1434
BOLETIM
DIOCESANO
Diocese de Nova Iguaçu

CENTENÁRIO DO

PADRE JOÃO MUSCH -

P R O G R A M A

Dia 6 : 15º aniversário de Morte, às 9 h. Missa Concelebrada e a seguir Visita ao túmulo do Padre João.

Dia 7 : às 10 h. Ordenação Sacerdotal na Catedral, e a seguir abertura da exposição sobre a vida do Padre João.

Dia 8 : Nossa Senhora da Conceição, às 19.30 h. PROJEÇÃO DE SLIDES sobre a Vocação Sacerdotal.

Dia 9 : às 19.30 h. Palestra de Mons. Arthur Hartmann, sobre " O padre João como sacerdote e pastor ".

Dia 10 : às 19.30 h. Palestra do Sr. João Cardoso Távora, sobre "O P. João e seu trabalho em Nova Iguaçu ".

Dia 11 : às 19.30 h. Palestra da Ir. Silvestra, Ir. Régula e Ir. Alcântara sobre " O padre João e o Instituto de Educação Santo Antonio ".

Dia 12 : às 19.30 h. Recital do Coral do I.E.S.A. em homenagem ao padre João.

Dia 13 : CENTENÁRIO DO NASCIMENTO, às 19 h. lançamento do livro " Biografia do Padre João Müsch ", escrito pelo Sr. Luiz Azeredo - Local: I.E.S.A.

Dia 14 : às 10 h. Missa Solene Concelebrada em memória do Padre João - Encerramento da exposição.



FELIZ NATAL — BONS ANOS

No Ano Diocesano das Vocações de Igreja,
celebrado em comemoração
do centenário do Padre João Müsch,
apóstolo da Baixada Fluminense,
desejamos de coração a todos os irmãos
que nesta região marcada de sofrimento e de esperança
constroem o Reino de Deus
um Feliz Natal



Reverendo Mons. João Müsch

* Nasceu a 13 de dezembro de 1880

† Faleceu a 6 de dezembro de 1965

Monsenhor João Müsch

Nasceu o Padre João em Scheven, aldeia da arquidiocese de Colônia, na Alemanha. Vocação tardia, chegou ao Brasil em 1910. Fez todos os seus estudos no Seminário de São Leopoldo. Ordenou-se em 1920. Foi condutor do Padre Slater em Tijucas, SC. Depois transferiu-se para Barra do Piraí. Dom Guilherme Müller nomeou-o pároco de Nova Iguaçu, em dezembro de 1929. Durante 31 anos trabalhou nesta vasta paróquia. Foi incansável no seu zelo de almas. Pobre ele próprio, era amigo dos pobres. Além da agora Catedral construiu uma dezena de igrejas e capelas, reformando outras tantas. Outrosim o Colégio de Santo Antônio é obra sua. Premido pelos achaques da velhice, afastou-se em 1961 do paróquiato. Faleceu a 6 de dezembro de 1965 no Abrigo Cristo Redentor, sendo no dia seguinte enterrado no campo santo de Nova Iguaçu.

R.I.P.

P A D R E J O A O M Ü S C H
Estamos com saudades mas sentimos-nos alegres sabendo que temos um inter-
cessor no céu. Muito temos que lhe agradecer. Muitos conselhos ainda para pra-
ticar. ACEITE NOSSA GRATIDÃO. PE. JOAO